

## LEIBNIZ E O PENSAMENTO NA DIFERENÇA- IMPLICAÇÕES ÉTICAS E POLÍTICAS

Cristiano Bonneau<sup>70</sup>

**Resumo:** A filosofia de Leibniz se apresenta em sua evolução como um pensamento que considera em sua base a identidade e a diferença. Essa postura pode ser vista no seu peculiar sistema filosófico e também nas distintas áreas que seu pensamento atua e avança. A noção leibniziana de substância – do *principium individuationis* à mônada – e a noção qualificada de conhecimento – no diálogo com as teses inatistas e empiristas, seja pelo deísmo ou pela antropologia que se apresenta nos manifestos políticos e teológicos do autor. Essas são as condições pelas quais distintas posições são possíveis no pensamento de Leibniz, abrindo caminhos para que formas alternativas de pensamento, desde que sejam racionais, se perfilam.

**Palavras-chave:** Leibniz; Pensamento; Diferença; Identidade.

**Abstract:** Leibniz's philosophy presents itself in its evolution as a thought that considers identity and difference as its foundation. This posture is found in his particular philosophical system and also in the various fields in which his thought works and advances. The leibnizian notion of substance – from the *principium individuationis* to the monad – and the qualified notion of knowledge – in dialogue with innate theses and empiricists, whether by deism or by anthropology that are presented in the political and theological manifestos of the author. These are the conditions in which different positions are possible in Leibniz's thought, opening up ways for the emergence of alternative forms of thought, provided they are rational.

**Keywords:** Leibniz; Thought; Difference; Identity.

Em grande medida, esse é um texto que se insere em pelo menos duas frentes de discussão na filosofia de Leibniz: a primeira, que mira seu método de análise e condução da investigação dos temas sob seu interesse; a segunda, aponta para confluência entre a sua forma de exposição, a condução da reflexão e os conteúdos que são trabalhados em cada uma das temáticas. Ambas análises avançam ao mesmo tempo em direção e tendo como ponto de partida

---

<sup>70</sup> Professor do Departamento de Ciências Sociais do CCAE/UEPB e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UEPB/CCHLA. Contato: crbonneau1@gmail.com

uma metafísica da substância, que sofre uma importante transformação em seu pensamento até chegar ao resultado final no conceito de mônada.

A preocupação de Leibniz de conciliar as noções de simplicidade e complexidade, atingem no seu conceito máximo de substância enquanto mônada uma síntese decisiva em sua metafísica e uma das heranças conceituais mais importantes para o ocidente e a modernidade. Esta, por sua vez, intenta resguardar em si mesma, o desenvolvimento contido na ciência em geral, especialmente, nos avanços da física, da matemática e da lógica, esta última ainda formal, mas que caminha para as condições de sua formulação simbólica. Ora, uma possível tradução desse esforço hercúleo de inclusão de todas essas conquistas humanas no campo do pensamento e da linguagem correspondem às novas demandas de uma filosofia teórica e prática, adequada à realidade que se revela a cada novidade apresentada pelas ciências e o conhecimento em geral.

Por isso, ainda que não obtenha o sucesso almejado nas querelas relativas às disputas entre as noções de corpo e alma, bem como de essência e realidade, uma postura filosófica, como àquela impetrada na ideia de harmonia preestabelecida, demonstra que qualquer ser que exista no mundo, não surge por acaso nem sem sua razão necessária. As substâncias simples, seus agregados e composições, se apresentam em configurações infinitas – pelo menos na perspectiva de nosso intelecto – e exigem do pensamento um processo de reconhecimento também em *progressus ad infinitum*. Quando Leibniz busca defender, na formulação de sua teoria do conhecimento, as condições necessárias para o entendimento humano, o filósofo alemão se empenha em demonstrar que as relações entre sujeito e objeto, ou, em sua linguagem, o que tange às esferas da experiência e da razão.

As conexões entre essas duas instâncias são para Leibniz, dinâmicas, assim como sua própria noção de substância enquanto mônada, e refletem a forma variada pela qual a natureza, a qual nós fazemos parte, se manifesta. Ao afirmar que “*todo conhecimento que está em nosso intelecto tem sua origem na experiência, exceto o próprio intelecto*”<sup>71</sup>, além de levantar argumentos a favor dos conhecimentos e princípios inatos, ou das condições preestabelecidas para o entendimento, também demonstra um determinado caráter dinâmico em relação ao próprio conhecimento. Esse é o ponto em questão: além de possuímos um conjunto de ciências que nos conectam de forma segura com a realidade, esses saberes estão em constante avanço, tendo como evidência mais forte, além da reformulação das ciências clássicas, a criação de novas ciências, que revelam a natureza em todo o seu divino esplendor. Esse sistema de

---

<sup>71</sup> PS, VI,

avanços nas ciências, tem um propósito bastante claro, mais de “*construir e avançar do que destruir e regredir.*”<sup>72</sup>, o que corresponde à postura que Leibniz estabelece em sua filosofia, em temas que são inclusive mais disputados, como aqueles relativos à religião e à metafísica.

Em grande parte, este enfrentamento do tema das diferenças, em que se aponta e se desenvolve distintas e até opostas formas de pensamento e interesses, aparece sob o tema da *ars controversia*<sup>73</sup> na filosofia leibniziana. O método dos estabelecimentos<sup>74</sup> e os métodos de reunião<sup>75</sup> são registros de seus esforços, além de teóricos, também práticos, de negociar diferenças que até então parecem ser irreconciliáveis. Diante de uma desavença, uma querela, uma ofensa, uma disputa ou qualquer situação que leva a duas soluções que são, à primeira vista, opostas e intocáveis, quem deve ser o juiz ou qual o juízo mais apropriado.

Leibniz discute em *Os métodos de Reunião*, as tentativas históricas, através de inúmeros concílios, como o de Trento<sup>76</sup>, de Florença (1431) e de Latrão (1512-1517), de revisão das prioridades da Igreja e o estabelecimento da fé a partir das autoridades católicas, com o intuito de louvar esses esforços de manutenção desse primado, apesar de serem ainda insuficientes para resolver os conflitos e dilemas de sua época. Os concílios sempre se apresentaram como uma forma engenhosa para que a instituição da igreja, em toda sua estrutura administrativa e seus fundamentos teológicos, pudesse adaptar-se ao seu tempo e às exigências sociais, políticas e econômicas de cada época.

Há uma questão prática e pragmática a ser resolvida: o grande cisma representado pela ruptura ente católicos e protestantes<sup>77</sup>. Diante disso, há muitas construções de filosofia moral e justificativas teórico-filosóficas que vislumbram na tolerância um caminho a ser empreitado como forma excelente e legítima de garantir algum tipo de convivência pacífica, não apenas entre os católicos e protestantes, mas entre os crentes, ateus e ímpios. Os projetos de Locke<sup>78</sup> e Bayle<sup>79</sup> são testemunhas dessa empresa, tendo como justificativa que a liberdade precede

---

<sup>72</sup> Novos Ensaios, p. 51.

<sup>73</sup> A VI 4 C 2155-2163; A VI 1 548-559; A IV 3 204-212

<sup>74</sup> GP III 186-197.

<sup>75</sup> FC II 1-21

<sup>76</sup> Considerado um dos mais importantes concílios, ocorreu entre 1543 e 1546, convocado pelo Papa Paulo III e teve como marco a discussão sobre as estratégias de enfrentamento à Reforma Luterana, convencendo-se no movimento histórico chamado Contra-Reforma.

<sup>77</sup> O ápice desse conflito deu-se na chamada Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) com a irrupção da violência generalizada pela afirmação ou deslegitimação da representação religiosa organizada.

<sup>78</sup> LOCKE, John. Carta sobre a Tolerância (Edição bilíngue Latim-Português) Tradução Fábio Fortes e Wellington Ferreira Lima. Organização, introdução, notas e comentários Flavio Fontenelle Loque Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

<sup>79</sup> BAYLE, Pierre. De la tolérance: Commentaire philosophique sur ces paroles de Jésus-Christ «Contrains-les d'entrer». Ed. Jean-Michel Gros. Paris, Agora Presses Pocket, 1992

qualquer escolha de crença e a expressão do pensamento. Leibniz propõem que “*deixemos de lado o caminho da tolerância mútua e da paz civil, uma maneira pela qual é sempre necessário começar, embora esse caminho mitigue o mal mais do que elimine sua causa, a exemplo dos médicos que começam sua cura pelos sintomas mais prementes.*”<sup>80</sup> Sua posição já demonstra, que, mesmo reconhecendo a postura fundamental que enseja a questão da tolerância, essa ainda não é suficiente para alcançar os objetivos almejados, sobretudo no que diz respeito à paz e a convivência entre as diferenças.

Por outro lado, o próprio rigorismo também não consistiria em um caminho eficiente para alcançar esse objetivo, tendo em vista que o estabelecimento de uma autoridade absoluta, seja na figura estatal, na função religiosa ou mesmo filosófica, seriam razões para esgarçar as relações entre os diferentes pontos de vista, ocultando nos resultados alcançados um processo de opressão e quiçá, violência. Estabelecer o diálogo é mais do que recomendável, torna-se uma necessidade irremediável, conquanto, que a via aqui empreendida, pela disputa ou discussão seria ainda ineficaz enquanto não existisse um juiz ou uma forma regulada em que as partes da disputa sejam obrigadas a seguir exatamente, evitando, dessa forma, *gritar para o vento*<sup>81</sup>.

Leibniz lança inúmeras possibilidades que poderiam ser empregadas para a resolução de conflitos, mas apenas uma, que precisa de regras claras e acessíveis, para que haja uma solução menos provisória e mais definitiva. Não há estabilidade nas relações entre partes distintas ou mesmo opostas que formam a ‘*coleção de seres no mundo*’, sem regras, racionais, que façam o contrabalanço e mantenham o equilíbrio entre manifestações da existência tão diferentes. Qualquer harmonia, pressuposto da ordem das razões, não tem afirmação, a não ser assumindo o caminho de que a própria controvérsia precisa ser minimamente organizada e então equilibrada. A força, que faz parte da ordem natural do mundo, precisa ser traduzida não apenas em termos de movimento, como é o caso da física, mas em função das qualidades pelas quais cada parte envolvida dispõe.

Tratemos do caso de Leibniz tendo em vista expor sua filosofia. Entrementes, existe a percepção de que existem pelo menos dois interesses hegemônicos em jogo. A questão de como conciliá-los pode ser decisiva para o fortalecimento de uma idéia que se torna dominante, a saber, a da própria cristandade. O cisma entre católicos e protestantes não é apenas um problema que pode ser considerado interno, mas uma questão que pode fazer ruir todo o edifício da própria fé cristã. Sigamos alguns passos que o método de Leibniz nos conduz. 1) reconhecer o

---

<sup>80</sup> LEIBNIZ, 2014, p. 276

<sup>81</sup> Idem, Ibidem.

problema, com o entendimento de suas partes, preceitos e fundamentos de sustentação. Entre outras questões, o que se apresenta, por ora, é que o cisma, no formato da atual cisão alcançada, tornou-se evidente por si mesmo. Por isso a impossibilidade de usar estratégias clássicas, da política e da retórica, de insistir em tornar invisível o inimigo que se robustece; ou mesmo, desprezá-lo de diversas formas ou não reconhecer sua plena existência, minimizando discursivamente suas formas de atuação fática e as consequências dessas ações.

No instante em que Leibniz admite o problema do cisma em questão, traz à luz o que poderia permanecer atuando nas sombras, ainda que inominável e caótico, para o campo da linguagem, do pensamento e do caráter simbólico. O desafio consiste em transformar essa problemática tão universal e racional que os critérios de escolhas dos argumentos, sejam estes prós ou contras, tornar-se-iam por este tratamento da razão, claros e distintos por si mesmos. Por isso a tolerância, como um bem inestimável a ser buscado, possui, para sua própria existência, uma condição que lhe precede. Esse momento anterior, com seu *a priori* a ser ainda alcançado, são as condições pelas quais o problema ou questão a ser resolvidos se dão. Tolerar pode ser alguma operação da própria razão, mas é o produto de um cálculo, proposto por Leibniz, a ser utilizado no campo das controvérsias, nas disputas mais difíceis, que admite as diferenças, assimetrias e homeomérias com o intuito de conciliá-las.

Nesse caso, os ajustes, acomodações, conciliações e concessões entre as partes, são as próprias causas da tolerância, e não o contrário. Por isso, ao trazer a controvérsia para o cenário das desavenças religiosas (independentemente de seus interesses e desejos mais privados e particulares), lança-se à luz, em grande parte, as diferenças entre os mais diversos pontos de vista, que formam algum tipo de conjunto, agregado, associação, composição ou grupo. Não podem haver compostos sem que hajam substâncias simples – essa talvez seja uma das mais importantes doutrinas da Monadologia.<sup>82</sup> Aquelas composições que podem ser visíveis, inteligíveis, aos sentidos e ao entendimento, podem ser formadas por composições ainda menores, ou o caminho para um agregado ainda maior e mais complexo – independentemente do sentido, o simples compõe todos eles, em primeiro lugar. Por essa razão, qualquer que seja a controvérsia, há sempre um ou mais fundamentos metafísicos (como o de simplicidade da substância e de razão suficiente) que lhe orientam e, somente por este, as identidades, seres e entidades são possíveis. Tão somente Deus poderá conhecer os meandros, imbricações e

---

<sup>82</sup> PS, VI, § 1, 2 e 3.

dependências, que formam as relações entre as coisas, o que de fato perfaz cada peça e ligação desses inúmeros circuitos que forjam uma composição.

A diferença ou distinções, tornam-se a razão necessária pelas quais, ao buscarmos compreender minimamente algo, ou ter a ciência de que ainda podemos permanecer negligentes em nossas avaliações e análises – o que poderia ser uma espécie de guia para nossas ponderações e objeções. Por isso, o que Leibniz busca é um modelo racional, também compreendido como universal, o que consistiria para seu êxito, de razões igualmente frutíferas e inclusivas, para seu estabelecimento – essa seria a tentativa de estabelecer um método. Para qualquer desavisado, esse seria um movimento da racionalidade, tendo em vista movimentar-se na direção das suas partes, como uma analítica, considerando os fatores, as dobras e as causas que ocasionam uma ideia ou um ser. Por isso Leibniz é enfático ao admitir que, nesses casos, a *‘via da acomodação é um beco sem saída’*.<sup>83</sup>

A principal questão política e prática consiste em admitir um problema, independente da sua complexidade, ainda que esse movimento venha do maior para o menor, do mais poderoso para que aquele que possui menos poder (o caso do Cisma); em seguida, que qualquer solução até agora empreendida, incorreu em fracasso ou ocasionara problemas ainda maiores que antes. Por isso, não há outra solução senão conciliar os interesses diversos – pelas razões metafísicas já apontadas – em consideração às diferenças entre substâncias/indivíduos/agregados e a própria diferença ontológica (entre Deus e as criaturas) com o intuito de, ao mesmo tempo, escapar da controvérsia e por meio da controvérsia resolvê-la. Esse problema, que por ora se materializa na disputa entre católicos e protestantes, bem como qualquer possível superação deste ou outros cismas, abririam precedentes filosóficos e teóricos, formalizados pelo próprio ordenamento jurídico, orientadores de uma ética normativa – seriam modelos de ordem prática, para o campo das ações e da filosofia moral, como forma eficaz de condução das controvérsias.

O resultado, em acordo com Leibniz, possui implicações teológicas na medida, em que:

esse caminho parece ser um efeito da Divina Providência, que almeja que, a despeito da grande oposição que aparentemente existe entre os dois partidos, reste um caminho para chegar à uma reunião sem armas, ou disputas, deixando ileso os princípios dos protestantes quanto dos católicos.

Logicamente que do ponto de vista formal, esse método de reunião, como afirma Leibniz, segue um caminho claro: o reconhecimento da autoridade (papal ou episcopal),

---

<sup>83</sup> Leibniz, 2014, p. 276.

gerando o respeito às questões jurídicas e normativas, desencadeando a submissão e, por fim, gerando a humildade dos fiéis. Transpondo esse raciocínio, da maneira mais fiel possível, podemos afirmar que: I. A ordem das razões, tanto nos reinos da Graça quanto no da Natureza, possui suas razões necessárias para existir, sendo que seu contrário implicaria contradição, ou seja, seria impossível; II. O entendimento dessas razões nos conduz, ao mesmo tempo, ao amor intelectual de Deus (passo também dado pelo espinosismo), mas como amor às suas obras; e na sustentação, evolução, criação ou superação das ciências em vigor, que por isso, não para de produzir e cessar, representando uma razão que parte do finito para o infinito. III.

Diante da verdade ou da evidência irrefutável, com o conhecimento mais claro e distinto disponível, negar ou rebelar-se contra ela, sem as razões apontadas pelas regras da controvérsia, seria abrir mão da racionalidade, admitindo caminhos para a resolução de conflitos pela via da força, da guerra e da estupidez. O caminho do entendimento consiste, em um primeiro momento, o de mais labor, o que requer mais cuidados, o mais difícil, portanto, o que requer mais cuidado, mas o que está em maior conformidade com um sistema filosófico que admite a existência da diferença, como aquele apresentado por Leibniz.

Por essa razão, pode Leibniz promover uma defesa da razão como critério para os mais difíceis e controversos problemas, servindo como a balança de calibre, medição e critérios entre os pesos concernentes aos distintos problemas e diferentes polêmicas que precisam ser resolvidas. Em sua passagem clássica, que se tornou folclórica na história da filosofia e na tradição, que essa conquista da razão:

(...) sempre que surgirem controvérsias, não haverá mais necessidade de disputar entre dois filósofos do que entre dois calculistas. Será suficiente pegarem eles as suas penas para escrever, sentarem-se junto ao ábaco e dizerem um ao outro (dirigindo-se um ao outro de forma amigável): CALCULEMOS!<sup>84</sup>

### **Referências bibliográficas**

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1955.
- CARDOSO, Adelino. *Metafísica leibniziana da comunicação: o paradigma monadológico*. Philosophica 37, (2011), 7-23.
- CARDOSO, Adelino. *O trabalho de mediação no pensamento leibniziano*. Editora Colibri, Lisboa, 2005.

---

<sup>84</sup> GP VII- 198-203 – Uma *Ars Characteristica* para as ciências racionais.

- BONNEAU, Cristiano. *Dos conceitos de certeza e a lógica de probabilidade - a crítica ao estado hobbesiano e o ensejo para a possibilidade de uma filosofia política em Leibniz*. *Aufklärung* : Revista de Filosofia, UFPB, 2018.
- BONNEAU, Cristiano. *A questão da invenção- uma reflexão sobre o conhecimento em Leibniz*. *Cadernos Espinoseanos*. Nº 34, 2016, pp. 89-104.
- BONNEAU, Cristiano. *Alcances e influências das concepções leibnizianas de conhecimento: um estudo dascaliano sobre a “teoria da controvérsia”*. In: NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre (Org.). *Nada é sem razão*. Sobral-CE: Sertão Cult, 2020.
- LACERDA, Tessa Moura. *A política da Metafísica: Teoria e Prática em Leibniz*. Associação Editorial Humanitas, São Paulo, 2005.
- LEIBNIZ, G.W. *Sistema novo da natureza e da comunicação das substâncias e outros textos*. Tradução de Edgar Marques, Belo Horizonte -MG, Editora UFMG. 2002.
- LEIBNIZ, G.W. *Ensaio de Teodicéia. Sobre a bondade de Deus, a liberdade dos homens e a origem do Mal*. Tradução, Introdução e notas de William de Siqueira Piauí e Juliana Cecci da Silva. Editora Estação Liberdade São Paulo, 2013.
- LEIBNIZ, G.W. *Novos Ensaio Sobre o Entendimento Humano*. Tradução de Antonio Borges Coelho. Lisboa, Portugal. Editorial Gleba Ltda. Livros Novo Horizonte.
- LEIBNIZ, G.W. *Die philosophischen Schriften*. Ed. C I. Gerhardt, 7 vols., Berlim, Halle: 1949-63.
- LEIBNIZ, G.W. *Escritos Filosóficos*. Tradução de Roberto Torretti, Tomás E. Zwanck e Ezequiel de Olaso. Buenos Aires: Editorial Charcas, 1982.
- LEIBNIZ, G.W. *Reflexões sobre a obra que o Sr. Hobbes publicou em inglês, sobre a liberdade, a necessidade e o acaso*. Tradução e notas: William de Siqueira Piauí e Juliana Cecci Silva. *Revista Transformação*, São Paulo, 30(2): 261-272, 2007.
- LEIBNIZ, G.W. *A Arte das Controvérsias. Ensaio introdutório, notas e tradução de Marcelo Dascal, com a colaboração de Quintín Racionero e Adelino Cardoso*. Editora Unisinos, São Leopoldo, 2014.
- LEIBNIZ, G.W. *Sämtliche Schriften und Briefe*. Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin. (AA)
- LEIBNIZ, G.W. *Lettres et opuscules inédits de Leibniz*. Ed. L.A. Foucher de Careil. Paris: Ladrance, 1854. Reimpr. Hildesheim: Georg Olms, 1975. (FC)
- MOREIRA, Vivianne de Castilho. *Contínuo e contingência I: estrutura e alçada da lei de continuidade na lógica de Leibniz*. Kottter Editoria, Curitiba, 2019.

NICOLÁS, Juan Antonio. GUTIÉRREZ, José Antonio. *G. W. Leibniz: Una filosofía de principios*. Ápeiron. Estudios de filosofía — N.º 16 - Abril 2022.

OLIVA, Luís César Guimaraes. *Existência e eternidade em Leibniz e Espinosa*. São Paulo: Discurso Editorial, 2016.